

Quinta de Covela Baião

Douro verde

Entre o granito e o xisto, uma quinta com trilhos para percorrer e vinhos para degustar sob ramadas

Repetiu vezes sem conta a história da primeira visita à Quinta de Covela, em 2009, perdido na estrada, sob uma chuva tremenda, até encontrar esta propriedade do séc. XVI, na fronteira entre a região dos vinhos verdes e a do Douro. Ainda assim, as palavras de Tony Smith, num português com ligeiro sotaque britânico, preservam o encantamento do momento, partilhado com o sócio, o empresário brasileiro Marcelo Lima. "Tínhamos visto outras hipóteses, em vários países, mas era isto que procurávamos", conta. Tomaram conta da quinta em 2011 e lançaram-se no negócio dos vinhos, voltando a contratar os antigos funcionários (inclusive, o enólogo Rui Cunha). "Esta quinta é a prova de que na vida há segundas oportunidades", diz Paula Pereira, responsável pelo marketing, enquanto passeamos por um dos dois trilhos à disposição dos visitantes (2h30 ou 40 minutos), pelas vinhas, bosques e hortas. Há qualquer coisa de cenográfico nos espaços, muito por obra de um dos seus antigos proprietários, o cineasta Manoel de Oliveira, que por ali foi construindo aquedutos, muros e casas de granito. "Costumo dizer que estamos no Douro Verde, mas é uma denominação de que ninguém gosta", reconhece Tony Smith. A originalidade da aposta em monoculturas autóctones fez da Covela uma marca de complexo perfil. "Estamos mais perto do estilo clássico dos brancos do que dos verdes", explica Paula Pereira. Vinhos gastronómicos, a pedirem uma mesa posta sob ramadas (onde são servidos pratos da cozinheira Diana Oliveira, por encomenda). Fizemos a primeira prova e garantimos: promete. **|| J.L.**

A Quinta da Covela, nas encostas do rio Douro, tem 49 hectares, 18 deles com vinha. Por marcação, fazem-se provas comentadas com o enquadramento da região e dos vinhos Covela (C5)



ANTÓNIO FERREIRA

▶ São Tomé de Covela, Baião > T. 254 886 298 > visitas por marcação

De súbito Almada

Estaríamos a mentir se escrevêssemos que somos surpreendidos por uma obra do mestre ao passarmos à frente do número 101 da Avenida 5 de Outubro. Na verdade precisamos de entrar nos escritórios em Lisboa da AICEP e



tentar abstraímo-nos de duas mesas, outras tantas meninas, computadores e muito acrílico para conseguirmos ver uma tapeçaria desenhada por Almada Negreiros. Chama-se *Portugal*, nome adequado para estar na entrada da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, mede 12,6 metros de comprimento e foi tecida em Portalegre, em 1957. Não deixa de ser uma surpresa encontrá-la ali, quase escondida. Claro que apetecia vê-la num local que permitisse mais recuo e sem ter nada a tapá-la, mas mesmo assim sabe bem. Num périplo por "Lisboa de Almada" ela estaria logo a seguir aos vitrais da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, a cinco minutos a pé. A colaboração do artista com a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre começou em 1949, com *Bailarina*, mas as mais conhecidas serão as da série *Centaurus* do Hotel Ritz. Agora que já terminou a sua exposição na Fundação Gulbenkian, ganhe-se lata para entrar na AICEP e encher os olhos com as cores da vegetação, mais rio e sol, barco rabelo e pipas. **||**